

Carolina Marcondes

NºUSP: 9823769

À escuta:

O texto À escuta de Jean-Luc Nancy aponta desde o título para um tema que parece percorrer o texto todo: a escuta como lugar de inquietação. O título não é só um título é um endereçamento e uma dedicatória, o que já traz à cena algo que é destinado ao outro.

Tive dificuldade na leitura do texto, pois para superar a barreira de estranhamento que ele provoca é preciso paciência. O autor traz à luz várias questões sobre a experiência da escuta: a diferença da visão e do escutar, há também muitas relações com a música e com o saber filosófico, os conceitos de ressonância, timbre, ruído etc. Tais questões sobre os sons e a sonoridade da música é para mim mais difícil de desenvolver aqui.

Tendo em vista que não é possível esgotar a interpretação de um texto e que sempre há mais para desvendar, me detenho nas partes em que eu consegui estabelecer mais relações e que para mim fizeram mais sentido: a escuta enquanto lugar de um outro, enquanto segredo e enquanto tensão.

Nancy coloca desde o princípio do texto um impasse entre o papel do filósofo e o de ouvir, me parece uma proposta para questionar o lugar ou a postura de alguém que detém o conhecimento e a escuta, poderia ser a figura de uma autoridade. Ele indaga, em outras palavras, se um filósofo para poder filosofar neutraliza a escuta e, portanto, o outro. Não se trata, então, da capacidade de apenas escutar, mas no que isso implica. Nancy propõe a escuta sempre como um momento de inquietude e preocupação.

A partir desse ponto transfiro a questão para uma outra figura além do filósofo, a do professor: como todo esse pensamento acerca da experiência da escuta pode ser relacionada com a figura do professor, da sala de aula e, afinal, da própria literatura?

Se Nancy pretende puxar a orelha do filósofo, podemos puxar também a orelha do professor, nós professores estamos à escuta? Sendo essa definida como algo de fora para dentro, isto é, um no outro, damos lugar para esse outro? Superamos a barreira do entendimento só pela visão, para entender o que ouvimos? No silêncio dos nossos alunos? Se a escuta não deve ocupar um lugar filantrópico, como colocado no texto, que lugar ela ganha na sala de aula, por exemplo? Estamos sensibilizados para ser entregues à escuta? Nancy

questiona: “a escuta é um motivo com o qual a filosofia é capaz de lidar?”, e será que a educação também lida?

Uma outra questão que o filósofo coloca no texto são os diferentes usos da expressão “à escuta”, designada para espionagem militar ou para a revelação de um segredo. Esta última me leva a pensar em um outro lugar de escuta que, a meu ver, se assemelha também com o da sala de aula: o espaço psicanalítico, a escuta enquanto segredo revelado mostra o lugar de som e sentido, tensão e intenção que o texto tanto trata e a análise também. A intenção aqui parece sempre a de chegar no outro, e esta também não é a da sala de aula? Tanto do professor com o aluno quanto do aluno com professor.

Se escuta é partilha, me parece que não há como desconectar isso do nosso próprio papel na educação.